



## OS “LENTE” FRANCISCANOS: LACUNAS DOCUMENTAIS, DESAFIOS DE ESCALA E POSSIBILIDADE HISTORIográfICA PARA A ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL (PERÍODO COLONIAL).

RAFAEL FERREIRA COSTA<sup>1</sup>; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – Bolsista CAPES – rafael.fe.costa@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Refletimos aqui sobre a aplicabilidade do método de escala micro-histórica à historiografia franciscana no Brasil enfocando os “Lentes”. A história da Ordem dos Frades Menores, de grande relevância educacional durante o Período Colonial, cerca-se de lacunas documentais. Entre os poucos registros existentes, sobressaem-se crônicas e fontes secundárias, resultando na carência de estudos e metodologias mais diversificados para lançar novas perspectivas sobre questões ainda sem resposta. Os “Lentes” eram os educadores/mestres encarregados de “ler” as lições aos futuros frades da Ordem, de disciplinas como Filosofia, Teologia e Gramática. Objetivamos apontar possibilidades da micro-história para analisar a realidade franciscana no Período Colonial. Partimos do método, apresentando alguns pontos relevantes que o envolvem, para culminar no nosso objeto de estudo, em que evidenciaremos seu potencial investigativo.

### 2. METODOLOGIA

A Micro-História surgiu há meio século na Itália, em reação ao desgaste das pesquisas positivistas (eurocêntricas e nacionalistas) ou influenciadas pelas Ciências Sociais (quantitativas e serializadas). Em 1966, Alberto Caracciolo e Pasquale Villani dirigiram os *Quaderni storici*, recém-fundada revista de história social, ligada à historiografia marxista e aos *Annales*. Com o ingresso de novos historiadores no comitê editorial, como Edoardo Grendi, Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, para além de questões econômicas e agrárias, a revista incorporou temas culturais, antropológicos e do cotidiano (cf. LIMA FILHO, 2012, p. 211). Com arquivos vastos e bem organizados, os italianos puderam ultrapassar a serialização da história quantitativa e estrutural e alcançar os contextos, as redes de relações socioculturais. Em “O Nome e o como” (1989), Ginzburg entende que “as linhas que convergem para o nome e que dele partem, compõndo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido” (PONI; GINZBURG, 1989, p. 175). Ou seja, o nome dos indivíduos é o eixo de onde partem as investigações para a construção das análises históricas. Nessa perspectiva, propomos levantar de todos os nomes dos frades franciscanos que assumiram o cargo de “Lente” para partir em direção às redes que estabeleceram. Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, na crônica “Orbe seráfico, novo brasílico” (1858), é fundamental para compreender tal rede, ao listar os frades elevados a “Lente” em conventos brasileiros entre 1596 e 1752 (cf. JABOATÃO, 1858, Vol. I, p. 340-345).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Ao todo, frei Jaboatão identificou 65 Lentes: 34 assumiram a função de Lente de Teologia, 05 de Lente de Teologia Prima, 05 de Lente de Teologia Véspera, 22 de Artes, 02 de Filosofia e 20 de Lente Geral. No que tange às suas localidades, 31 atuaram no Convento de São Francisco de Olinda (PE), 28 no de São Francisco de Salvador (BA), 15 no de Santo Antônio do Recife (PE), 06 no de Santo Antônio de João Pessoa (PB) e 02 no de Santo Antônio do Rio de Janeiro (RJ). Para além da superfície da catalogação e serialização desses dados sobre os Lentes, foquemos seus nomes, o “marcador mais individual, o menos generalizável de todos” (REVEL, 2010, p. 438) – e encontremos as linhas finas que os conectam.

Alguns desses frades integram outras listas elaboradas pelo cronista, permitindo aprofundar suas biografias. Dos 65 Lentes, 06 foram, posteriormente, eleitos custódios ou provinciais<sup>1</sup>, ou seja, atuaram também como administradores:

Tabela 1 – Lista de frades que foram Lentes e Custódios/Provinciais.

Frade	Cargo Adm.	Ano	Lente	Ano	Convento
Frei Agostinho da Assunção	Provincial	1710	Geral	1689	Salvador
			Geral	1695	Salvador
			Geral	1702	Salvador
			Teologia	1706	Olinda
Frei Antônio dos Mártires	Provincial	1659	Geral	1633	Salvador
Frei Daniel de São Francisco	Provincial	1653	Geral	1639	Salvador
Frei Francisco dos Santos	Custódio	1608	Teologia	1627	Olinda Salvador
Frei Gonçalo de Santa Izabel	Provincial	1717	Teologia	1706	Olinda
Frei Manuel da Ressurreição	Provincial (Duas vezes)	1738 e 1746	Artes	1714	Salvador

Identificando os nomes, o passo seguinte é a construção da rede de relações. As descrições de frei Jaboatão sobre cada eleição para os cargos são breves e concisas, como em frei Manoel da Ressurreição, que afirma:

XX. (1712). Na Bahia pelo Provincial Fr. Agostinho da Assumpção. Foy Lente o Irmaõ Fr. Joaõ Bautista da Resurreição, da Congregação até o Capítulo, em que sahio Provincial segunda vez o P. Fr. Cosme, que elegendo ao Irmaõ Lente Fr. Joaõ por seu Secretario, continuou o Curso de Artes o Irmaõ Fr. Manoel da Resurreição, e a Theologia com o Irmaõ Fr. Joaõ da Conceição Sant-Ago (JABOATÃO, 1858, Vol. I, p. 343).

Apesar de reduzido, o trecho contém informações sobre a data, o local, qual superior foi responsável pela sua eleição, e sobre os colegas que também assumiram seus respectivos cargos na mesma ocasião. Quando passamos ao momento de descrição do provincial de frei Manoel da Ressurreição na listagem dos administradores da Província, recolhemos da leitura aspectos de sua vida:

XXIII. O M. R. P. M. Fr. Manoel da Resurreição, natural de S. Joaõ da Fox, Bispado do Porto, e professo nesta Província em o Convento de Sereippe do Conde a 27 de Abril de 1700, em idade de 18 annos.

<sup>1</sup> Os cargos de custódio e provincial eram atribuídos aos frades, eleitos em Capítulo Provincial, para assumir a administração da Custódia e Província, respectivamente. Ambas eram unidades com diferentes níveis de autonomia, sendo a primeira submetida às decisões da segunda. Como a Custódia de Santo Antônio do Brasil que, entre 1585 e 1657, respondia às determinações da Província de Santo Antônio de Portugal, mas foi elevada à categoria de Província e passou a se reportar diretamente ao Ministro Geral da Ordem, na Itália.



Continuou o vigesimo Curso de Artes, que se havia aberto na Bahia na Congregaçāo do P. Fr. Joaõ Bautista da Resurreiçāo, que lendo o dito Curso anno e meyo, fez delle renuncia, e o P. M. Fr. Manoel o concluiu com a sua Theologia. Foy Guardiaõ de Seregippe do Conde anno e meyo, e o mesmo em Serenhanhem para o Capitulo de 1723, em que sahio por Diffinidor, e agora neste celebrado na Bahia em onze de Janeiro de 1738, em que presidio, por Letras do Reverendissimo P. Geral Fr. Juan Bermejo, o P. Fr. Joaõ da Trindade, eleito em Ministro Provincial, e em vinte de Junho de 1739 fez Congregaçāo, e concluiu o triennio por esta vez (JABOATÃO, 1858, Vol. I, p. 338).

Através dessa conexão que a própria crônica nos oferece, é possível ter uma noção da amplitude das dinâmicas sociais: os locais onde nasceram (alguns indicam o nome de batismo), se são brasileiros ou estrangeiros, onde fizeram seus noviciados e posteriores especializações acadêmicas, cargos que ocuparam (administradores de conventos e membros das reuniões dos Capítulos Provinciais) e atuação em eventos importantes para a Ordem no Brasil. Ou seja, esses frades não estavam apenas relacionados à vida educacional, como também, envolvidos nas diversas camadas administrativas e funções da Ordem no Brasil. Frei Jaboatão permite, em sua escrita, acessar a teia social desses educadores e construir um contexto onde esses personagens dinamizam entre si, gerando conciliações e conflitos de interesse (cf. LEVI, 2016, p. 23-24). Giovanni Levi sintetiza as bases da micro-história e esclarece quais são

as questões e os pontos de interrogação comuns que caracterizam a micro-história: a redução da escala de análise, o debate sobre a racionalidade, o indício como paradigma científico, o papel do particular (não em oposição ao social), a atenção à recepção e à narrativa, uma definição específica do contexto e a rejeição do relativismo (LEVI, 2016, p. 29).

Ou seja, aproximar desses Lentes não apenas como figuras de poder, como também, enquanto sujeitos ativos no contexto social da Ordem Franciscana, o que permite adentrar a vida educacional dos frades e a vertente interpessoal (cf. LIMA FILHO, 2012, p. 218) de suas relações profissionais, institucionais e mesmo espirituais.

É necessário deixar claro que a escolha do tema dos Lentes neste texto se configura um indicador da dimensão do potencial analítico da atuação desses educadores no Brasil. Num ponto de vista micro, diversas questões permanecem em aberto, como os motivos para que frei Gregório de São Julião tenha decidido se transferir de Salvador para o Rio de Janeiro. Até o momento, não foram localizados dados significativos que justificassem a sua decisão. Seria por questões políticas, sociais ou pessoais? Outro ponto é o reconhecimento de sua naturalidade como francês, um traço de individualidade que abre portas para ponderações sobre a relevância dessa informação na elaboração do texto na crônica. Qual a pertinência dessa distinção? Outro aspecto a ser analisado são os critérios para escolha dos frades. Sabemos que havia um processo longo para que os religiosos estivessem em condições de assumir o cargo, mas essas seriam as únicas motivações? Seria a qualidade de seus trabalhos, ou haveria laços mais fortes que ainda não estão claros?

Tania Conceição Iglesias indica que a função era designada segundo aprovação do provincial (cf. 2010, p. 336-337), e, em alguns casos, ocorreram reconduções do mesmo indivíduo para o cargo, como as quatro vezes de frei Agostinho da Assunção entre 1689 e 1706 (cf. JABOATÃO, 1858, Vol. I, p. 342).



Na segunda vez que governou a Província de Santo Antônio do Brasil, frei Manoel da Ressurreição renomeou frei Serafim de Santo Antônio, frei Anselmo de Santa Teresa e frei Jacinto de Santa Brígida para a função de Lente. Voltando a frei Agostinho da Assunção, quando assumiu o provinciado, nomeou frei João Batista da Ressurreição para Lente Geral do Convento de Salvador, sendo que ambos os religiosos foram colegas de trabalho no Convento de Olinda, em 1706, durante o governo de frei Cosme do Espírito Santo (cf. JABOATÃO, 1858, Vol. I, p. 342-343). Não compete a este resumo lançar respostas, mas é evidente como os métodos micro-históricos podem ser uma alternativa ao estudo dessas pequenas escolhas e decisões acima apresentadas, bastando observar a quantidade de frades identificáveis através das redes de relações que estabeleceram através do cargo de Lentes.

#### 4. CONCLUSÕES

A Ordem de São Francisco marcou a história do Brasil desde o princípio da presença portuguesa no território, em 1500. A fundação da Custódia de Santo Antônio do Brasil (1585), futura Província, evidencia o importante papel catequético que os frades tiveram junto aos nativos, enquanto mediavam suas relações com portugueses, franceses e holandeses. Sua atuação missionária é tema de diversas pesquisas históricas, mas o uso dos jogos de escala ainda se mostra pouco aproveitado, tendo potencial de ampliar os horizontes sobre o papel dos franciscanos na educação brasileira. Tendo o eixo do contexto educacional já delineado, o que carece é aplicação metodológica, evidenciada, por exemplo, pela necessidade de construção da teia de relações que se formam na vida dos docentes. Pesquisar sobre o cargo de Lentes pode ajudar a compreender as dinâmicas desses educadores com seu universo religioso e com a sociedade colonial onde vivem, enquanto a micro-história se configura como possibilidade válida e aplicável aos historiadores brasileiros.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GINZBURG, C.; PONI, C. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.
- IGLESIAS, T. C. **A experiência educativa da Ordem Franciscana**: aplicação na América e sua influência no Brasil Colonial. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- JABOATÃO, A. de S. M. **Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil**. Rio de Janeiro: Tip. Brasiliense, 1858. Vol. I.
- LEVI, G. 30 anos depois: repensando a Micro-história. In: MOREIRA, P.; VENDRAME, M.; KARSBURG, A. (Org.). **Ensaios de Micro-história: trajetória e migração**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 18-31.
- LIMA FILHO, H. E. Micro-história. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R.. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 207-223.
- REVEL, J. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set/dez, 2010, p. 234-244.